

NOVO ENTREMEZ D A CORRIOLA,

Em que fallam as pessoas seguintes :

Mamede, velho. *Ricardo*, homem octoso, e vadio.
Narcisa, sua filha. *Silverio*, Soldado deilettor.

Sabe Ricardo, e Silverio.

Silv. Sfo, amigo Ricardo, pôde ser?
Ric. Tudo, amigo Silverio, podeis crer;
 E todo o mal, que sinto, occasionou
A fiança por que meu pai ficou;
E fez em nossa casa tanto abalo,
Que já não tenho sege, nem cavallo.
(Tudo isto he mentira quanto disse,
Porque a minha preguiça, e vã fofisse,
He que foi a origem principal
De me ver neste estado tão fatal;
Chegando a tal excessõ de pobreza,
Deixando-me meu pai tanta riqueza.) *á parte.*

Silv. Fianças, certo estou, botam a perder,
Muitas casas de gente de bom ser,
Como vós. *Ric.* Eu, amigo, o experimento,
E não fei como ainda não rebento;
Não de farto, mas sim de pura fome,
Que he o que mais sinto, e me consume.

Silv. Pois já não tendes pagem, nem lacaio?
Ric. Que hei de ter, se com fome me deimaio?
Como darei a outrem de comer,
Se a barriga não tenho com que encher?

A

Que

Novo Entremez

Que anda tão espalmada, e tão vassa,
 Que estrellas me faz ver ao meio dia?
 Que criados terei com esta magoa,
 Quando há dias que o meu sustento he agoa?
 Não fei como não morro de fraqueza.

Silv. Pois a tanto chegou vossa pobreza?

Ric. Esta barriga esta tão espalmada,
 Que não fei como posso dar passada.

Silv. Pois tão pezada a tendes, todavia?

Ric. Leve a trago eu em demasia;
 Não leve, que direi, sem desvario,
 Servir posso de boia a hum navio.

Silv. Isso, amigo Ricardo, póde ser?

Ric. E muito mais ainda podeis crer.

Silv. Nunca ouvi nos meus dias dizer tal.
 Em que vos sustentais? *Ric.* Nos pés, e mal;
 Porque de fome só tenho fartura.

Silv. Tal fome como essa não se atura.
 Se tal fome como essa em mim houvera,
 Certamente não fei o que fizera.

Ric. Em fim, amigo meu, o meu sustento,
 He o do camaleão, que come vento;
 E he tanto o que tenho, que podia
 Conduzir huma nao para Turquia,
 Sem temer dos cachópos os perigos:
 Mas disto que vos digo, aos meus amigos
 Nada disse, nem hei de relatar,
 Antes a todos faço por mostrar
 Sécia mui grande, opposta ao que está dito.

Silv. E para que trazeis elle palito
 Na boca? *Ric.* Dir-vos-hei:

Para dar-lhe a entender que mastiguei
 Boa lebre, bom paio, boa perdiz,
 Quando nem cheiro chega ao meu nariz;
 Antes estou em termos que comera
 Bofes de boi, ou bode, se os colhera.

Silv.

da Corriola.

Silv. Bofes de boi, ou bode! Quem tal come?

Ric. Eu, amigo, por não morrer de fome;
Porque quem não comer, de fome morre.

Silv. Pois nenhum dos amigos vos soccorre,
Com hum jantar, sendo vós amante?

Ric. Não, por não ser já irmão gastante.

Silv. Pois eu para mostrar que não sou desses,
E que não sei olhar para interesses,
Digo-vos como amigo,
Que esta noite haveis de ir cear comigo
A casa de hum bom velho, e honrado home',
Na qual tudo he fartura, nada fome;
Sendo tal de comer a quantidade,
Que não se come della, nem metade;
Feito com tal limpeza,
Que vos digo não vi mais limpa meza,
Na qual com bem descanso, e sem fadiga,
Pretendo que ataqueis essa barriga.

Ric. Ai, amigo excellente,
Em huma mesa dessas sou eu gente,
Para tirar o ventre da miseria
Em que vivo. Deixai essa matéria;
Lá me direis o mais que haveis dizer:
Vamos, que estou morrendo por comer.

Silv. Ireinos, meu amigo,
A casa do tal velho, como digo:
Lá tereis que comer á bolça forra.

Ric. O' Deos, levai-me a isto antes que eu morra,
Que me quero fartar.

Silv. Lá tereis com que a fome faciar.

Ric. A tardança me apura:
Tomara-me já ver nessa fartura.

Silv. Grande fome aturais!

Ric. Isto he só o que ouvis. *Silv.* Pois inda he mais?

Ric. Ainda mais, e mais, se ouvir quereis.

Silv. Sim quero. *Ric.* Pois, amigo, sabereis,

Novo Entrémez

Tenho fome ao deitar-me,
E essa mesma tenho ao levantar-me:
Fome que toda a noite me desperta;
E fome que me faz estar alerta:
Fome quando me levanto:
Fome quando estou triste, e quando canto:
Fome quando passeio:
Fome ainda no meu maior recreio;
E fome quando paro a alguma esquina.

Silv. Essa fome parece-me canina.

Irra com tanta fome! Isso he doença.

Ric. Não acho, meu amigo, com que a vença;
E porque de continuo tenho fome,
Semelhança sómente tenho de home'.

Silv. He bom encarecer! *Ric.* Em nada minto.

Silv. Visto isso sois tántalo faminto.
O certo he que sois bem esfomeado,
Como conta do vosso arrazoado.

Ric. Tudo quanto vos digo podeis crer,
E o mais que darei inda a saber;
Que a fome que padeço só podia
Mitigar-se comendo todo hum dia,
Sem que assim me fartasse de comer.

Silv. Isso agora, Ricardo, quero eu ver,
Levando-vos a casa do tal home',
So para que mateis toda essa fome!

Ric. Oh Deos vos dê saúde, meu amigo,
Se he certo o que dizeis. *Silv.* He o que digo.

Ric. Deixemos parouvellas;
E vamos porque já tenho as goelas
Com bastantes detejos de engolir.

Silv. Não vos faltará nellas que embutir;
Porque o velho como he esmorecido,
E me tem por valente, e destemido
Soldado lá do Minho,
Brinda-me com comer, e com bom vinho;

Para

da Corriola.

- Ric.* Para o que elle melino me provoca.
Isto me faz crescer a agua na boca,
E em considerar que me hei de ver
Onde a minha barriga possa encher;
Porque a fome me abraza.
Vamos, amigo, já para essa caza,
Nao tratemos de mais conversas frias.
- Silv.* Ao entrar lhe fareis mil cortezias;
E tendo occasião, com pundonor
Mostrareis que sois homem de valor;
E tereis de comer em quantidade.
- Ric.* Eu confesso lhe tenho bem vontade;
E se me vejo, amigo, em tal função,
Hei de dar á barriga hum alegraõ.
Tomara eu que quando me pozesse
A' tal mesa, que o velho então tivesse;
E vós, pouca vontade de comer,
Para eu a barriga entãõ encher,
Muito á minha vontade.
- Silv.* O amigo Ricardo, isso he verdade?
Ou zombais? *Ric.* He deveras;
Taõ certo como haver em Julho peras.
- Silv.* Já que fallais em fructa tereis lá
Fructa de toda a forte que Deos dá;
Porque a mesa se põe com taes ornatos;
Que vereis nella mais de trinta pratos.
- Ric.* E ainda aqui estamos?
Para casa do velho vamos, vamos. *Quer ir.*
- Silv.* Esperai, pois, e não vos adianteis,
Porque do mais ainda não sabeis.
- Ric.* Ora dizei: se eu me adiantar
Em mais algum bocado mastigar,
Intentais ir-me á mão?
- Silv.* Não, amigo Ricardo, isso não:
A' mão não vos hei de ir;
Mas quero-vos, Ricardo, advertir,

Que comais, e bebais com cortezia,
Porque o comer he muito em demazia.

Ric. Pois não nos detenhamos,
Para casa do velho vamos, vamos. *Quer ir.*

Silv. Esperai que vos quero relatar
As fructas que lá tendes que gostar.

Ric. Essa conta vos peço que deixeis,
Porque á mesa, ao comer, mo contareis.
Concedei-me esta graça, como amigo.

Silv. Esperai que depressa vo-lo digo.
Temos figo de Rei, prato primeiro.

Ric. E porque não vem no derradeiro?

Silv. Porque deveis estar advertido,
Que o primeiro lugar lhe he concedido!

Ric. Já parece que os como. *Silv.* Raro intento,
Quando eu cuido que estais comendo vento!

Ric. Pois não me hei de alegrar,
Segurando-me vós me hei de fartar?
Acabai de dizer,
Que á vontade se apura de comer.

Silv. Tereis boa banana,
Fructa mui singular, Pernambucana.

Ric. Dessa fructa não fei eu entender;
O que entendo fomite he de a comer;
E para isso não nos detenhamos,
Para casa do velho vamos, vamos. *Quer ir.*

Silv. Detende-vos hum pouco,
Que se não me attendeis sois mais que louco.

Teremos boa uva, e boa ameixa,
Que ninguem de as comer por facto deixa;

A pera carvalhal, e rio frio,
Que não pôde a ninguem causar fastio.

Ric. Não quero mais saber:
Vontade tenho eu prompta de as comer.

Silv. Esperai hum bocado,
Que vos quero apurar o meu recado.

da Corriolar

- Naõ vos faz tanta cousa admirar ?
- Ric.* Nos dentes as quizera eu mastigar ;
Porque dito isto assim , he como historia ;
Que naõ enche a barriga. *Silv.* Enche a memoria
Do quanto na barriga haveis meter ;
E tudo isto , amigo , haveis de ver ,
Além dos bons melões , e melancias.
- Ric.* Dizem muitos amigos que saõ frias ;
Mas se eu as apanhar cá entre os dentes ,
O calor da barriga as fará quentes.
- Silv.* Tendes para comer peras campanas ,
E ameixas forvaes , çaragoçanas ;
Peras de tres em prato , e de São Bento.
- Ric.* A tardança me apura , e dá tormento.
Havendo tudo isto que esperamos ?
Para casa do velho vamos , vamos.
- Silv.* Esperai mais hum pouco ,
Que quem ao pouco falta he quasi louco.
Tereis boa romã , que he bem se coma ,
Por ser puro anagramma da alta Roma :
Tereis o bom codorno , e bom marmelo.
- Ric.* Por essa fructa , amigo , he que me pello.
Porém naõ quero agora mais saber ;
Porque naõ quero ouvir , quero comer
N'huma mesa que têm tantos ornatos.
- Silv.* Ainda agora saõ dezoito pratos.
Vede bem quantos faltam para trinta.
(A hum tolo como este , he bem se minta.) *d p.*
Esperai que naõ ha destas funções :
Haveis de ter laranjas , e limões ;
Petas pardas , bojardas , e flamengas.
- Ric.* Ora , amigo , deixemos mais arengas ;
Fique o que ha que dizer para o outro dia ,
Porque tenho a barriga mui vasia.
Vamo-nos já embora
Para casa do velho , sem demora.

Novo Entremez

Silv. Esperai , não sejais impertinente ,
Tende mais cortezia com a gente.
Ainda vos não dei parte do melhor ,
Que essa vossa barriga ha de compor.
Hum dos primeiros pratos he de empadas ;
De frangos , e perdizes recheadas ;
Pastelinhos de nata em quantidade.

Ric. Ai , amigo , isso faz nova vontade
De comer , muito além da que já tenho.

Silv. Logo satisfareis ao grande empenho
Que tendes de fartar-vos.

Ric. Que delles gosto não posso negar-vos.

Silv. Pois a fopa dourada !

Ric. He cousa para ver : cousa extremada !

Silv. Olhai lá se o he :

Faz a qualquer doente pôr em pé.
Pois a vaca estofada , e as gallinhas !

Ric. Hoje teraõ alento as tripas minhas ,
Com os bellos guizados. Que esperamos ?
Para casa do velho vamos , vamos.

Silv. Aposto que vos cresce a agua na boca ?
Vamos com Deos , andai. *Ric.* Ir não me toca.
Sem vós , nem convém entrar.

Silv. Assim he : ora vamos , e callar.
Enchereis a barriga muito bem.

Ric. Isso , amigo Silverio , me convém. *Vão-se.*
Sabe Mamede , e Narcisa.

Mamed. Sabes , filha Narcisa , que hum Soldado ,
Que aqui costuma vir , muito prezado
De varias valentias pela espada ,
Quando creio que o feu valor he nada ;
E posso assegurar-te sem receio ,
Que não val feu valor real e meio . . .

Narcis. Sim , Senhor. E que quer nisso dizer ?

Mamed. Pretendo não lhe dar mais de comer ;
Porque sempre aqui vem a dar-me lécas ,

da Corriola.

Só para me chupar duas canecas
Do vinho que me veio de Thomar ;
Mas não o tornará elle a provar.

Narcif. Como vossa mercê lhe dá entrada,
Provará. *Mamed.* Provará huma facada ;
Não vinho ; e affirmo-te por estas ,
Que não quero mais palha dar a bestas.

Narcif. Faça nillo-o que bem lhe parecer.

Mamed. Pois , filha , alguma vez isto ha de ser ;
E para que isto tenha prompto effeito ,
Em tudo guardarás o meu preceito.

Narcif. Eu farei tudo quanto me ordenar.

Mamed. Pois , Narcisa , assim que elle chegar ,
Logo te hei de chamar ; e com presteza
Sahirás cuidadota a pôr a meza ,
E depois de a pôr , irás trazendo
O comer . . . *Narcif.* Ai, Senhor, eu não entendo:
Trazer eu o comer para cear ,
Tendo dito que nada lhe quer dar !

Mamed. Assim he , mas escuta o meu recato.
Quando tu me trouxeres o guizado ,
Seja este , ou aquelle , porque espero ,
Te direi enfadado que o não quero ,
Com o qual para dentro voltarás ,
E logo diligente outro trará ;
E a tudo o que houveres de trazer ,
Sempre que o não quero hei de dizer ;
Até que atraz de ti corra enfadado ,
E assim não comerá nem hum bocado.
Tens tudo o que te disse percebido ?

Narcif. Sim , Senhor , muito bem tenho entendido.

Mamed. Ora , pois , vai tratar do que for bem ,
Que se me não engano elle lá vem ,
E traz outro sujeito em companhia.

Narcif. Ora he bem descarado na porfia ! *Vai-se.*

Sabe Ricardo, e Silveria.

Silv. Aqui venho a seus pés, Senhor Mamede,
Segurar-lhe que o meu valor não cede
Ao maior impulso do perigo,
Como seu obrigado, e seu amigo;
E porque meu propósito não mude,
Estimarei que passe com faude;
E o Senhor, pela graça que me faz,
Esta melina expressão aqui o traz.

Ric. Sempre fui seu criado, meu Senhor,
Protestando, que quando acafo for
Vossa mercê affrontado, e offendido,
Saiba que meu valor, nunca vencido,
Sabera despicar-lo, e a coufa sua,
Até que o sangue corra pela rua;
E em quanto se não veja ultrajado
Terá sempre ás suas ordens hum criado;
Que quando o não seja dos maiores,
Não será, não por certo, dos menores.

Mam. Vossas mercês podem-se sentar, *Sentam-se todos!*
E em tanto virá logo que cear,
E terei grande gosto que lhe agrade.

Ric. De comer trago eu boa vontade,
Motivo porque o seu favor acceito.

Silv. (Logo vos fartareis a meu respeito.) *Para Ric.*

Mam. O Narcisa. *Narc.* Senhor. *Mam.* Vem pôr a meza.
Para a cêa. *Narcis.* Eu vou já com ligeiteza.

Sabe Narcisa, e põe a meza.

Ric. (Louvo muito do velho a bizarraria.) *Para Silv.*

Mamed. Agora reparo eu na grossaria

Hum a toalha velha á minha meza!

Ric. He bastante, Senhor, para limpeza.

Mamed. Bota-me esta toalha daqui fóra,
E traze outra melhor. *Narcis.* Não tenho agora
Outra mais prompta. *Mam.* Então q' háo de dizer
De tal coufa como esta succeder?

Naõ

Naõ ha de estar aqui nem meia hora.

Silv. Esta, Senhor, nos basta por agora.

Narcif. Ora, Senhor, eu vou tratar do mais. *Vai-se.*

Silv. (Vós não sabeis a casa aonde estais.) *Para Ric.*

Sabe Narcisa com hum açafate.

Narcif. Aqui lhe trago o pão que he maravilha.

Mamed. Olhem a pouca vergonha desta filha.

Quem reparar em tão pequeno pão

Cuidará que eu que o dou como ração.

Vai-se Narcisa com o açafate.

Ric. Senhor meu, esse pão nos bastará,

E me convenco que inda sobrarã,

Havendo, como ha, tanto guizado,

Como aqui o Senhor me tem contado,

De que esta nobre mesa se compunha.

Silv. Delles fereis mui boa testimunha.

Sabe Narcisa com dous pratos cobertos.

Mamed. Que nos trazes ahi? Dize, mulher.

Narcif. Aqui lhe trago as sopas se as quizer.

Mamed. As sopas d'elle modo em dous pratinhos!

Isso parecem sopas de melquinhos.

Ha mais pouca vergonha?

E haverã quem tal á mesa ponha?

Vai-te, vai-te. *Silv.* Senhor, não tenha enfado,

Vai-se Narcisa com os dous pratos.

Venha assim, não lhe dê isso cuidado.

Sabe Narcisa com outro prato coberto.

Mamed. Que nos trazes ahi?

Narcif. Hum prato com huma torta trago aqui,

De gostoso, e perfeito parecer.

Mamed. Tantos erros não faõ para soffrer.

Anda, vai-te, e traze o que he precizo.

Vai-se Narcisa com os pratos.

Torta es tu, toleirona, e sem juizo.

Ric. Tantas cousas! *Silv.* (Por certo vereis mais.

Vós não sabeis a casa aonde estais.) *Para Ric.*

Ric.

Ric. Não ha cousa melhor do que tortada.

Mamed. Que esteja eu foltendo esta tratada!

Perdoe, meu Senhor, a dilação.

Ric. Senão ha de vir nada, venha o paõ.

Sabe Narcisa com outro prato.

Narcis. Aqui tem. *Mam.* Que nos trazes, madriçoça?

Narcis. Hum gigote lhe trago. *Mamed.* Boa graça!

Já o gigote vem! Póde-se crer?

Naõ achaste outra cousa que trazer?

Mamed. Anda, leva-o. *Narcis.* Não fei adivinhar.

Vai-se Narcisa com o prato.

Mamed. E vem já, que são horas de cear.

Ric. Não ha cousa melhor do que gigote.

Mamed. (A barriga me inche como hum pote,
Se algum dos dous tratantes o comer.) *á parte.*

Ric. Muito guizado vejo! *Silv.* (E haveis ver

Ainda muitos mais.

Vós não sabeis a casa aonde estais.) *Para Ric.*

Sabe Narcisa com outro prato.

Narcis. Ora aqui tem, Senhor. *Mam.* Pois que mais he?

Narcis. He o prato em que trago o fricacé.

Mamed. Trazes o fricacé antes do assado?

Vai-te embora que tudo tens errado.

Silv. (Tomara que te dêsse hum estupor.) *á parte.*

Senhor, deixe já vir, seja o que for.

Mamed. Vai-te daqui embora, mentecapta,

Que tal na minha mesa não se trata,

Nem te dei tal ensino, ou criação.

Vai-se Narcisa com o prato.

Ric. O' Senhor, mande vir se quer o paõ.

(Amigo, não são isto bons signais.) *Para Silv.*

Silv. (Vós não sabeis a casa aonde estais.) *Para Ric.*

Ric. (Leve o diabo a casa: eu o que fei

He que nem hũ bocado inda provei.) *Para Silv.*

Sabe Narcisa com outro prato.

Mamed. Que nos trazes agora, rapariga?

Narcis.

Narcif. Se he preciso que o diga ;
He carneiro enfadado.

Ric. He huma cousa bem do meu agrado.

Mamed. Isso trazes ? Ha tal patifaria ! *Enfadado.*

Tu queres apanhar pancadaria ?

Já não posso soffrer-te :

Espera que o costado hei de moer-te.

Levanta-se enfadado.

Ric. Modere , meu Senhor , tão grande enfado :

Assente-se , e comamos o enfadado.

Mamed. Perdoem , que não he para soffrer

Estarmos aqui postos sem comer.

Vou dispôr o que á mesa se precisa.

Anda já para dentro , anda Narcia.

Faz que lhe dá , e vão-se ambos.

Silv. Ambos foram daqui calcorreando ,

E as nossas barrigas estalando.

Nunca tal se me fez , porém se a filha ,

E o velho ordenou toda esta trilha ,

Tudo me haõ de pagar , te o estranhais.

Ric. Vós não sabeis a casa aonde estais. *Com ironia.*

Silv. Callai-vos , que estou muito arrengado :

Velho , e filha farei logo empicado ,

Dando-lhe mil açoites ,

Pois que assim nos deixaram ás boas noites.

Ric. Bem não poderá ser o que julgais.

Vós não sabeis a casa aonde estais. *Com ironia.*

Trinta pratos de fructas , e guizados ,

Empanadas de frangos recheados ,

Pastelinhos de nata , eu nada vi ,

E maldita a nigalha que comi :

O que sómentè vi foram apparatus ,

E cobertos huns com outros pratos :

Em fim , tornar-se em nada ,

Toda a que me distestes , banquetada.

Eú ainda não vi tal corriola.

Silv.

Silv. Pois isso , amigo meu , me desconso-la.
Ainda eu estarei para ver mais ?

Ric. Vos não sabeis a casa aonde estais ?

Silv. Isso , amigo , parece-me matraca.
A culpa não he minha , he da velhaca
Da filha , e mais do pai , que hoje verão
Os seus corpos mais negros que carvão.

Ric. Será tanta a pancada , que receio ,
Que contadas não saiam a real e meio ,
Dadas com hum chicote ,
Em premio do bem feito do gigote.

Silv. Eu darei , se apanhar o tal Mamede ,
Como quem nunca o vio , ou se despede ,
Porque tal corriola não se faz.

Ric. Outra lhe pregaremos mais capaz ;
E temos para ella porta franca.

Silv. Como assim ? *Ric.* Carregai vos com a banca ,
E eu com os tamboretas , e toalha ,
Em paga do que obrou esta canalha ;
E reduzindo tudo a bom dinheiro ,
Iremos logo ter com o pasteleiro ,
Onde nos proveremos do que houver ;
E julgue cada hum como fouver ,
Qual he das corriolas , que tratamos ,
Maior , se a que pregaram , ou lhe pregamos.

Vão-se, levando a banca, tamboretas, e toalha.

Sube Mamede, e Narcisa.

Mamed. Ora já conseguí o que intentei.
Famosa corriola lhe preguei !
O Soldado cuidava ,
Que sempre aqui achava
Com que encher a barriga sem dinheiro.
Arre besta , vá lá para hum palheiro.
E o Casquilho de borra ,
Pretendia comer á tripa forra ,
Mostrando-se Fidalgo ,

Quan-

Quando padece fome como galgo.
 Vai tu agora , Narcisa ,
 Buscar-me tudo quanto se precisa
 Para a mesa , que quero já ceiar ,
 Sem barulho , nem outrem me estorvar ;
 E vamos que são horas :
 Põe a mesa , não haja mais demoras ,
 Que eu vou fechar a porta , e pôr-lhe a tranca.
Vai dentro, e volta logo.

Narcis. O' meu pai , aonde está a nossa banca ,
 Que não a vejo aqui , nem tamboretetes ?

Mamed. Certamente a levaram os maganetes ,
 Com raiva de eu lhe não dar de comer.
 Iriam escondê-los. *Narcis.* Vamos ver.
 Se quizerem comer que comam palha.
 Ai , Senhor , que levaram a toalha !

Mamed. Vamos ver se os achamos escondidos :
 Se os topar haõ de ser bem sacudidos ,
 Porque ainda que sou velho ,
 Não me causa temor nenhum fedelho.
 Hum vomitando sempre valentias ,
 E o outro arrotando fidalguias !

Narcis. Pois , Senhor , não façamos mais demora :
 Vamos , antes que possam ir-se embora. *Vão-se.*
Sabe Ricardo , e Silverio.

Silv. Famosa corriola nos pregaram ,
 Mas banca , e tamboretetes abalaram ;
 E se o pai , e a filha apparecerem ,
 Pagarão tudo quanto nos deverem.

Sabe Mamede , e Narcisa.

Mamed. O' ladrões. *Silv.* Calle a boca , só patola,
 Ou lhe vaso no bucho huma pistola.

Ric. Veja bem como falla , só jarreta ,
 Senão quer que lhe meta
 Huma faca de ponta na barriga.

Narcis. O' magano , isso he coufa que se di

A meu pai? famosísimos ladrões?

Mamed. Ainda em cima me querem dar razões,
Roubando a minha eaza!

A ambos hei de pôr agora á raza.

Narcif. E pois são atrevidos,
Hão de sair daqui bem sacudidos. *Dá-lhe.*

Silv. He bom atrevimento de mulher!
O' amigo, isto he para soffrer? *Para Ric.*

Ric. Eu trato do despique,
Ainda que aqui caia, e morto fique.
Dai na filha, que eu cá darei no pai. *Dá-lhe.*

Mamed. He bom atrevimento! Ora esperai,
Que vos hei de moer com hum chicote.

Silv. E eu quero agradecer o seu gigote.
Dá em Narcifa.

Narcif. O' patife, que he isto? *Silv.* Isto só he,
Querer agradecer-lhe o fricacé. *Dá-lhe.*

Narcif. A culpa tem meu pai que me mandava.

Ric. Mas vossê he que a tem, que os levava.

Narcif. Soccorra-me, meu pai, que eu aqui morro.

Silv. Sirvam-lhe estas pancadas de soccorro.

Ric. E vossê por mandar em tempo breve,
Para Mamede.

Estas com brevidade he bem que leve.

Recolhem-se ás pancadas.

L I S B O A.

Na Offic. de MANOEL COELHO AMADO.

Anno M. DCC. LXXVI.

Com licença da Real Mesa Censoria.

